

MATERIAIS PARA A ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE FREIXO DE ESPADA À CINTA*

Por José Augusto Maia Marques **

Introdução

O concelho de Freixo de Espada à Cinta ocupa uma posição geo-estratégica ímpar no curso do rio Douro.

Acompanhando a curva que aquele curso de água descreve ao desviar-se para Nordeste, a sua topografia fez dele um bastião do território português e guarda avançada contra invasões. É, também, em terras de Freixo que se situa uma das passagens que ligam o Norte e o Sul do Douro — Barca de Alva — ponto de contacto entre Trás os Montes e as Beiras.

Assim sendo, nada espanta que esta região tenha sido ocupada pelo homem desde os tempos mais remotos.

Gravuras rupestres¹ e possíveis monumentos megalíticos² fazem remontar à pré-história o seu povoamento.

* Este trabalho resulta de uma comunicação efectuada em 1986 ao I Congresso Internacional sobre o Rio Douro. Publica-se com pequenas alterações de circunstância em relação à forma como foi apresentada então.

** Assistente da Faculdade de Letras do Porto e da Univ. Portucalense.

¹ Susana O. Jorge e outros, *Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta)*, «Arqueologia», N.º 3, Junho de 1981, pp. 3-12.

Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Vol. IX, Porto, 1934, pag. 627.

² Baçal, *Memórias...*, cit., IX, pag. 569, nota 5 e IV, pag. 15.

No entanto, o período cronológico dos materiais que nos propomos estudar é mais tardio. Daremos a conhecer inscrições romanas inéditas, comentaremos outras já publicadas e procuraremos alertar para a importância de um castro com um espólio extremamente rico e significativo, mas cujo estudo profundo ficará para outra ocasião.

1. — Estela funerária da estação do Freixo

Estela funerária em granito, encontrada em terras da Quinta da Macieirinha, próximo da estação do caminho de ferro de Freixo de Espada à Cinta e guardada nos armazéns da Câmara Municipal.

É de forma irregular, com a face superior em arco de círculo e faces laterais grosseiramente afeixoadas. Decorada com um círculo gravado, com cerca de 35 cm. de diâmetro, cortado em quatro por dois sulcos quase perpendiculares. A sudoeste e a sudeste do círculo, dois sulcos em ângulo recto, um dos quais (o da esquerda) se apresenta incompleto devido a uma fractura da rocha. A face epigrafada apresenta-se em razoável estado de conservação, lascada apenas na zona da decoração. A inscrição está, em alguns pontos, recoberta por alcatrão, o que põe, como se verá, algumas dificuldades de leitura. O campo epigráfico não se apresenta delimitado. A preparação da pedra na sua extremidade inferior não é tão cuidada, devido, provavelmente, ao facto de esta porção terminal se destinar a ser enterrada no solo para fixação da estela.

Dimensões (em centímetros): 191x66x17. Face epigrafada: 191x66.

Leitura: PRISCVS / ANDAMI (*filius*) / FLAVIANVS / AN(*norum*) LXV (*sexaginta quinque*) H(*ic*). S(*itus*). EST

Tradução: Aqui jaz Prisco Flaviano, filho de Andamo, de sessenta e cinco anos.

Altura das letras: L.1: 16/16,5 (V=8, S=12); L.2: 9,5/10 (I=12); L.3: 10/11; L.4: 10; L.5: 10/11.

Espaços: 1.10; 2:6/7; 3:4/5; 4:4/5; 5: 2/3; 6:79.

Gravação em capitais rústicos, com o M e o N muito abertos e o A da 4.^a linha sem haste horizontal. Foram utilizados os nexos AVIANVS e LXV. O primeiro, pela sua extensão, é muito invulgar.

A paginação é pouco cuidada o que, a juntar à irregularidade da própria estela, oferece uma inscrição desordenada. Na linha 1 foi neces-

sário reduzido a V e o S; na linha 4 sobra bastante espaço a seguir ao numeral. Atendendo ao eixo vertical, quase todas as linhas estão oblíquas, a 1.^a e a 2.^a descaindo para a direita, a 4.^a e a 5.^a para a esquelada, estando apenas a 3.^a sensivelmente horizontal.

Onomasticamente, assinalem-se os antropónimos *Prisco*, muito comum no Império Romano³ e frequente na Península⁴, *Andamo*, que julgamos desconhecido na Ibéria e o gentilício *Flaviano*.

Embora de difícil definição cronológica, talvez não seja muito arriscado atribuir a esta epígrafe uma cronologia posterior à segunda metade do século II.

2. — Lápide da Quinta de Alva

Segundo o Abade de Baçal⁵, que cita Antonio Coelho Gasco⁶, teria existido «nas ruínas de Alvia hum pedretral lavrado com frisos romanos que fora de hum altar ...» com a seguinte inscrição (sic):

IOVI:OPT
ET:MAX:A
PP:CLAVD:
F

Não tendo sido possível confirmar a existência actual desta inscrição, dado o estado ruinoso do local, a constância de citações (o próprio Hubner a inclui no CIL II com o n.º 2400), a fraseologia e o contexto permitem-nos, ao menos como hipótese, considerá-la neste trabalho. Baçal desdobra as abreviaturas da seguinte forma: IOVI OPT(*imo*) / ET MAX(*imo*) A/PP(*ius*) CLAVD(*ius*) / F(*ecit*).

A impossibilidade de ver a inscrição não permite ir mais além. Os nomes, genuinamente romanos, poderiam supor a utilização de um *tria nomina*. O significado do F da última linha poderá bem ser outro. No entanto crêmos ser prudente não arriscar mais.

³ Cf. João Costa, *Inscrição Funerária de Vila Nova de Ourém*, «Ficheiro Epigráfico», N.º 8, Coimbra, 1984, pag. 15.

⁴ Só no C.I.L. encontramos 41 na Península Ibérica.

⁵ *Memórias...*, cit. X, pags. 682-683.

⁶ É aqui devido um agradecimento e um preito de homenagem ao Prof. Doutor António Cruz, entretanto falecido, não só pela oferta do seu trabalho sobre António Coelho Gasco, como também, e sobretudo, pelos conselhos amigos que sempre nos dispensou.

De qualquer forma, trata-se de mais uma inscrição a Júpiter, muitas vezes não citada em obras da especialidade ou, também com certa frequência, deslocada do seu contexto, devido a um erro de Hubner, que a localiza «...junto a Travanca, bispado de Miranda ...».

3. — Lápide do castro de S. Paulo (Alpajares)

Trata-se de uma placa (?) de calcário encontrada no castro de S. Paulo — Alpajares, Freguesia de Poiares, guardada na Câmara Municipal.

Incompleta, possui um resto de decoração na aresta superior, constituída por um provável friso composto por uma nervura e motivos em arco de círculo.

Dimensões: 48x30x5.

Leitura: I(ovi)O(ptimo)M(aximo)/SILIV[s]/AVI(tus) ou AVI(ti) [filius?]

Tradução: A Jupiter Optimo Maximo. Silio Avito ... ou Silio, filho de Avito ...

Altura das letras: L.1:5/6; L.2 e 3: 6.

Espaços: 1 a 3: 3,5; 4:(3,5 ?).

A paginação parece cuidada, há ainda vestígios evidentes de linhas auxiliares na 1.^a linha de texto e na parte cimeira da 2.^a. As letras, em capitais quadradas, estão bem gravadas, em bisel, com terminação triangular. Admitindo um provável eixo de simetria, a lápide não deveria ter muito maior largura do que a indicada atrás. Desta forma, e para além do V da 2.^a linha, caberia apenas mais o S para completar o nome SILIVS. Assim sendo, também na 3.^a linha se poderia reconstruir o T e o I necessários para AVITI, subentendendo-se o F ou remetendo-o para a mais que provável 4.^a linha. Esta disposição é a razão maior para preferirmos AVITI em vez de AVITVS que exigiria mais uma letra e alteraria a simetria. Pelo mesmo motivo não crêmos na hipótese AVLVS.

Avitus / *Avita* são bem conhecidos na hispânia romana e mesmo em zonas relativamente próximas (Cárquere — Resende: CIL,II,5578, Lamego: CIL,II,5254).

Os nomes de radical *Sili* são bem menos frequentes conhecendo-se, entre outros, um *Silicius* em Tarragona (CIL,II,6109), *Silius* em Badajoz, Cartagena e Tarragona (CIL,II,1017, 3414, 4164), uma *Silia* em Astigi (CIL,II,1505) e um *Silicianus* em Lisboa (CIL,II,205).

O contexto em que apareceu esta lápide é, arqueologicamente, assaz

curioso. Num castro, com muralha de xisto, condições defensivas excepcionais, aqui foram encontrados⁷ alguns fragmentos de *tegula* e *imbrex*, ossos humanos e animais, uma chave em bronze e alguns fragmentos de sigillata, um dos quais da forma Dragendorff 37, provavelmente produzido em Najera, datável do sec. IV/V d.C.

Estamos, portanto, perante um castro com vestígios de ocupação tardia, atestados, também, por sepulturas antropomórficas abertas no xisto, das quais duas são ainda bem visíveis na parte cimeira do povoado. Daqui parte a famosa Calçada de Alpajares, pavimentada a seixos de quartzito e em que alguns autores pretendem ver uma origem romana.

4. — Ara de Lagoaça

O Dr. António Mourinho publicou⁸ uma pequena ara dedicada a Júpiter Óptimo Máximo Conservador, aparecida em Lagoaça, Freixo de Espada à Cinta. Aqui existe o Castro do Salgueiral, com um sistema defensivo que inclui pedras fincadas⁹. Não sabemos se a ara é, ou não, proveniente deste local.

Nesse artigo, o autor apresenta a seguinte leitura:

IOVI / O(*ptimo*) M(*aximo*) / C(*onservatori*) / O(*mnes*) R(*omani*)
C(*ives*) LL(*ibentissime*) P(*osuerunt*).

Não concordamos com o desdobramento das linhas 3 e 4. Pensamos que, como acontece também muitas vezes com a epigrafia das margens do Minho, fértil em abreviaturas de difícil leitura, o *O R C* da 3.^a linha deverá corresponder ao *tria nomina* do dedicante, sendo portanto de abandonar aquela interpretação. Da mesma forma a 4.^a linha nos parece incorrectamente lida. A junção dos dois LL, claramente separados por um ponto, para exprimir um superlativo plural não fará sentido. Aliás o desdobramento que propomos *laetus libens posuit* não só não é inédito como, bem ao contrário, é relativamente comum.

Propõe-se, assim, a seguinte leitura:

IOVI O(*ptimo*) M(*aximo*) C(*onservator*) / O. R. C. L(*aetus*) L(*ibens*)
P(*osuit*).

⁷ Cf. J. R. dos Santos Júnior, *O Casal dos Mouros, Castro do Monte de S. Paulo e a sua Calçada de Alpajares (Freixo de Espada à Cinta)*, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1980.

⁸ António Mourinho, *Árula a Júpiter Conservador aparecida em Lagoaça*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», XX, 2, Porto, 1977, pp. 167-175.

⁹ Cf. Angel Esparza Arroyo, *Nuevos Castros con piedras hincadas en el borde occidental de la Meseta*, «Actas de I Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular», II, Guimarães, Soc. Martins Sarmiento, 1980, pp. 71-86.

Estariam assim presentes, com a exceção do motivo da dedicatória, todos os componentes habituais de uma inscrição votiva: invocação da divindade, nome do dedicante (em abreviatura) e fórmula final.

5 — Castro de Santa Luzia

O Castro de Santa Luzia situa-se na freguesia de Freixo. Aqui têm sido encontradas, ao longo de vários anos, muitas estatuetas zoomórficas habitualmente designadas por berrões, umas mais ou menos completas, outras fragmentadas. Destes achados tem dado conta o Prof. Santos Júnior¹⁰. Aquando de uma das nossas estadias naquela região¹¹ soubemos que o Snr. Elísio Óscar Capelas Avelar possuía um vasto espólio metálico (e não só), proveniente de trabalhos agrícolas na propriedade que possui naquele castro. Amavelmente posto à nossa disposição, a quantidade e a qualidade daquele material justifica, por si só, estudo à parte. No entanto, e dadas as características deste congresso, pensa-se ser de grande interesse enumerar aqui algumas das peças mais significativas, guardando para posterior ocasião uma visão mais aprofundada.

Material lítico: dois machados polidos, em xisto; vários cossoiros e um grande peso, da mesma matéria prima.

Material metálico: pregos, anéis, um fragmento de lâmina de falcata e um *pilum* em ferro; fíbulas, alfinetes, correntes, um anzol, um bracelete e fragmentos de estatuetas em bronze.

Material de adorno: um anel, em bronze, com um escorpião gravado na mesa; várias contas de colar e pedras de anel em pasta vítrea de variadas cores; uma pedra de anel com a figuração da deusa Roma; um camafeu com a armação e argola de suspensão em bronze, com a deusa Minerva gravada em pedra muito negra e translúcida.

¹⁰ Vejam-se os vários trabalhos de J. R. dos Santos Júnior publicados em muitos números dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia, nomeadamente *A cultura dos berrões no Noroeste de Portugal*, «T.A.E.», XXII, 1975, pp. 353-515.

¹¹ Cabe, aqui, agradecer àqueles que, de uma forma ou de outra, tornaram possível este trabalho: Snr. Presidente da Câmara Municipal de Freixo, Snrs. Abílio Linhares, António Eugénio, Armando Lopes, Raúl Ferreira e Virgílio Puçacos. Um especial testemunho de gratidão é devido ao Snr. Elísio Óscar Capelas de Avelar, pelo espírito aberto e pela disponibilidade que sempre manifestou. Ao Dr. Cardoso Duarte, pela amizade dispensada, à Dr.^a Maria dos Anjos Veiga Jorge e ao Snr. António Manuel Morgado, que nos franquearam as suas casas e nos ajudaram em tudo o que podiam, o nosso agradecimento especial.

Moedas: várias dezenas de pequenos, médios e grandes bronzes, alguns em bom estado de conservação, de entre os quais cunhagens de Severo, Probo, Constantino e Magnêncio.

Considerações finais

Com esta intervenção mais não se quis do que chamar a atenção para um concelho que tem sido bastante esquecido no que respeita ao estudo da presença romana entre nós.

Melhor ocasião não haveria para o fazer do que num congresso internacional sobre o rio Douro, estrada de interpenetração de culturas e influências, e numa sessão presidida por S.^a Ex.^a Rev.^a o Snr. D. Domingos de Pinho Brandão¹², sábio estudioso da Epigrafia e grande responsável pela protecção e valorização de muito património cultural, mormente no Douro Litoral.

Da comunicação que ora se apresenta, alguns factos nos parecem dignos de realce.

Em primeiro lugar a riqueza arqueológica deste concelho já bem expressa, aliás, nos trabalhos do Abade de Baçal e do Prof. Santos Júnior, entre outros.

Depois, a necessidade de se rever algumas ideias sobre esta remota região do distrito de Bragança, nomeadamente no que toca a importância e densidade dos vestígios da ocupação romana. Assim, apresentamos uma inscrição dedicada a Júpiter, inédita, e reestudamos duas outras. Se atendermos a que Alain Trannoy¹³ regista vinte e nove inscrições a Júpiter no convento de Astorga e dez no distrito de Bragança, a existência de três no concelho de Freixo revela bem uma relativa importância deste culto nesta região e obriga, como se disse, a refazer certas ideias, algumas inclusive expostas neste mesmo congresso.

Aliás, corroborando essa necessidade, está o valioso espólio do Castro de Santa Luzia, que será objecto de outra publicação, e o conjunto de cerca de três milhares de moedas da Quinta de S. Tiago (Ligares), já citado pelo Abade de Baçal e que parece articular-se com algumas estru-

¹² É com profundo pesar que aqui rendemos homenagem a este insigne investigador. A sua postura, a sua verticalidade, a sua infável capacidade de trabalho, atestados pela vastíssima produção que, felizmente, nos deixou, é disso testemunho. Lamentando que, muitas instituições e muitas pessoas, lhe não tenham reconhecido a importância que merecia, aponto-lo como exemplo àqueles que ora se iniciam na investigação.

¹³ A. Trannoy, *La Galice Romaine*, Paris, Diffusion de Boccard, 1981, pag. 315 e ss.

turas e material cerâmico. Nada nos admiraríamos se se estivesse perante uma *villa* romana.

Também a notícia de um «miliário enterrado junto de uma fonte», à entrada da Vila, embora ainda não confirmada, poderá ser importante.

Finalmente, torna-se imperiosa a existência de um projecto de investigação de campo para esta região, que poderia (e deveria) ser apoiado pelo I.P.P.C. e pelas autarquias, para um estudo completo da proto-história e romanização do concelho de Freixo de Espada à Cinta que, afinal, se revela povoado, activo e bem vivo, desde os tempos mais remotos até pelo menos ao séc. IV depois de Cristo.



Foto 1 Lápide da Estação de Freixo



Foto 2 Inscrição do Castro de S. Paulo

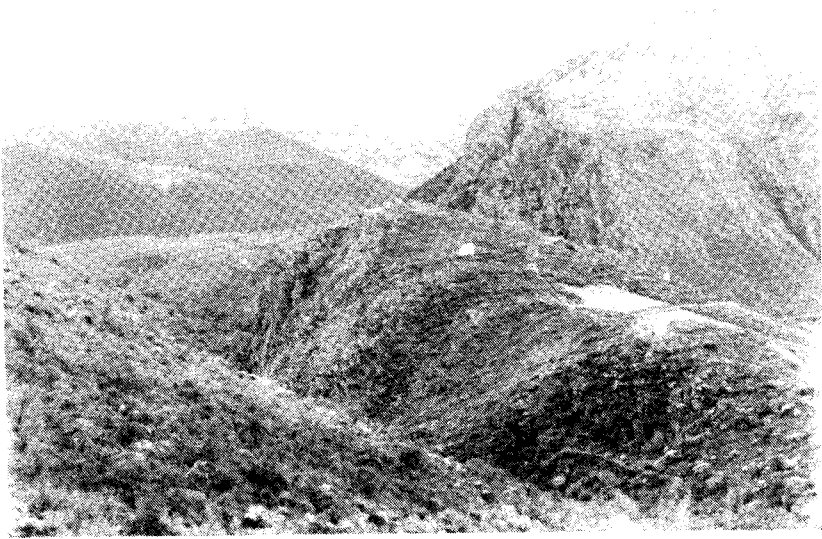


Foto 3 Vista, tirada de Norte, do Castro de S. Paulo



Foto 4 Perspectiva da vertente Sul do Castro de S. Luzia

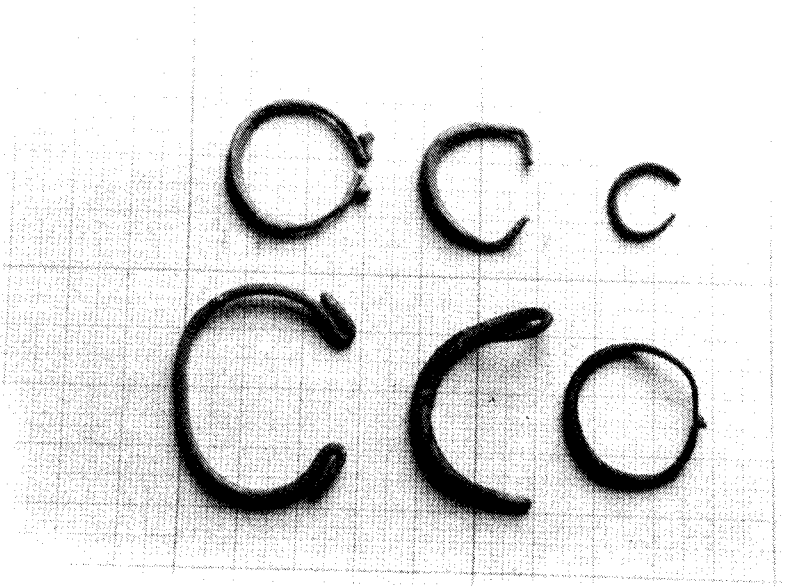


Foto 5 Fíbulas em bronze do castro de S. Luzia



Foto 6 Anel com escorpião gravado e outros objectos de adorno do Castro de S. Luzia

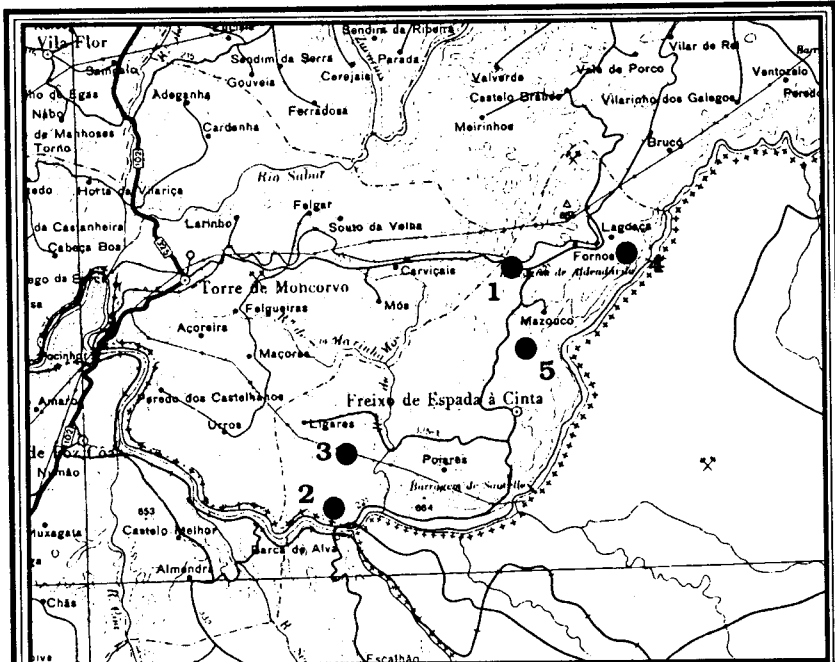


Fig. 1
CONCELHO DE
FREIXO DE ESPADA À CINTA
(Locais citados no texto)
 C.C.P. 1:400.000

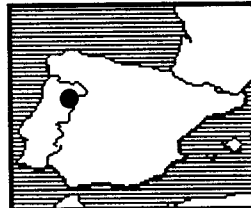
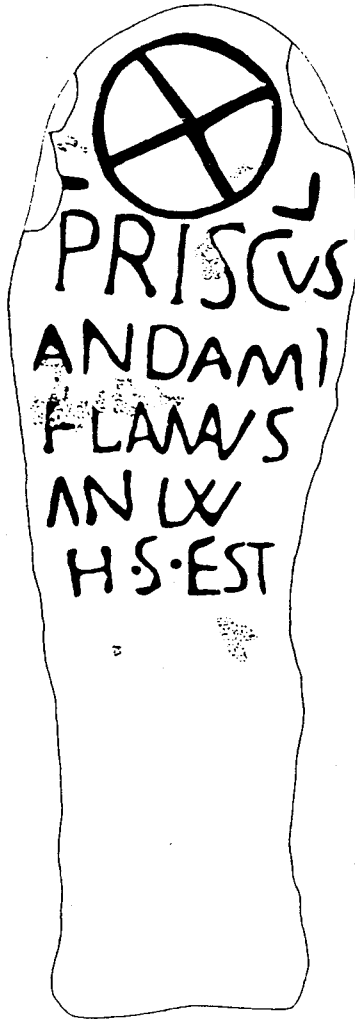
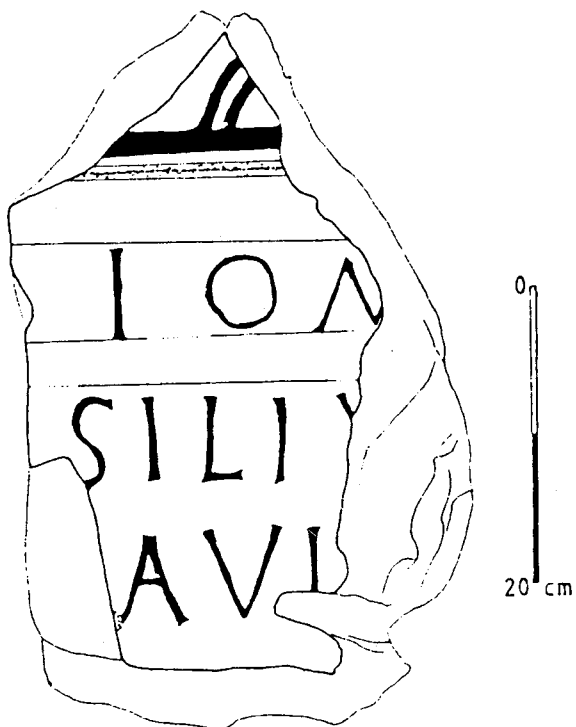


Fig.2



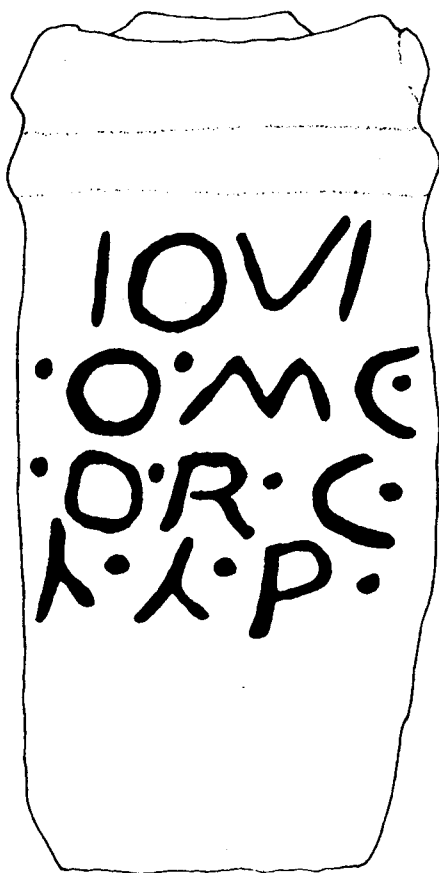
Estela da Estação

Fig.3



Lápide do Castro de S. Paulo

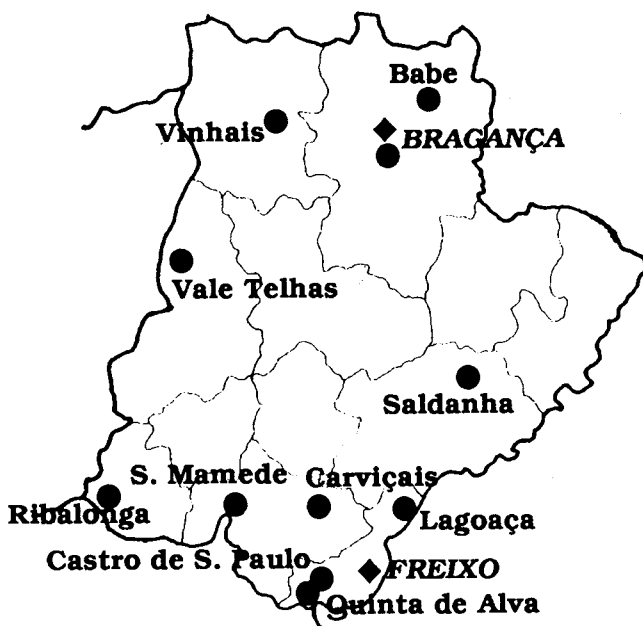
Fig.4



Ara de Lagoaça

Seg. A. Mourinho

Fig.5



**Epígrafes a Júpiter no
Distrito de Bragança**

